

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

6 de Junho de 2022

REALIZADOR CONVIDADO: ADOLDO ARRIETA

## LE JOUET CRIMINEL / 1969

*Um filme de Adolfo Arrieta*

*Argumento, imagem (16 mm, preto & branco), direção artística e montagem: Adolfo Arrieta / Música: trechos de Gustav Mahler / Som: não identificado / Interpretação: Jean Marais (o homem), Michèle Moretti (a mulher que corre), Xavier Grandes (o anjo), Florence Delay (a mulher em casa), Philippe Brunet (o marido dela), Sylvain Godet, André Julien, Jean-Charles Tisson.*

*Produção: Adolfo Arrieta / Cópia: digital (transcrita do original em 16 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 37 minutos / Estreia mundial: Paris, 10 de Janeiro de 1969 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

**Le Jouet Criminel** é apresentado com **Merlín**, também de A. Arrieta (“folha” distribuída em separado).

Com a presença de A. Arrieta

\*\*\*\*\*

**Le Jouet Criminel** é o terceiro filme de Arrieta e o primeiro que realizou em França. O filme prolonga de maneira evidente o trabalho de Arrieta nos dois filmes que realizara anteriormente em Madrid, **El Crimen de la Pirindola** e **La Imitación del Ángel**. O próprio título, *o brinquedo criminoso*, remete ao *crime do pião* do seu filme de estreia, com a contradição aparente entre um brinquedo e um crime. Há ainda outras semelhanças, ao mesmo tempo mais óbvias e mais profundas. Como aqueles dois filmes espanhóis este filme francês foi rodado a preto e branco, com uma câmara de 16 mm (sem a utilização de iluminação artificial, no caso do **Jouet**). Uma semelhança mais evidente ainda entre estes filmes é a presença de um anjo, por assim dizer idêntico ao anti-anjo de procissão que vemos em **La Imitación del Ángel**, encarnado aqui por Xavier Grandes, figura central no cinema e na mitologia pessoal de Arrieta, em cuja constelação pessoal ocupa uma posição semelhante à de Jean Marais ou a de Edouard Dermitte na constelação de Jean Cocteau, de quem Arrieta é grande admirador. Fechando um círculo, Jean Marais e Xavier Grandes são duas figuras centrais em **Le Jouet Criminel**, quase numa passagem da chama, como se um fosse o reflexo do outro, na juventude e na idade madura. Quando o filme foi convidado para ser apresentado no Festival de Pesaro, Arrieta declarou que esperava que o público “*não o receba como um filme simbólico e não queira descobrir o significado do anjo. Ele é bonito e basta!*”. João César Monteiro, que muitos anos mais tarde sequestraria o júri do Festival de Taormina, de que fazia parte, até que este concedesse um prémio a Arrieta (salvo erro, a **Merlín**), foi um dos que não quis descobrir o significado do anjo mas também não se contentou com o facto dele ser belo. Num artigo sobre o Festival de Pesaro publicado a 29 de Outubro de 1970 no *Jornal de Lisboa*, depois de apresentar Arrieta como “*o maior cineasta espanhol depois de Buñuel e, sem dúvida, um dos mais finos cineastas contemporâneos*”, Monteiro envereda por um delírio interpretativo típico da época: “*Antes de mais, Le Jouet Criminel é um filme profundamente político. (...) Arrieta entendeu (e entendeu bem) que o carácter político de um filme, para ser profundo e legítimo, tem que estar vinculado não ao acontecimento filmado mas à escrita entendida enquanto trabalho capaz de poder operar o surgimento dessa relação. Nesse sentido, o filme parte da autonomia de cada plano para a utilização de um jogo em que cada plano contraria o plano precedente até um acumular de contradições cujo fim diz unicamente respeito ao material do próprio filme. (...) O trabalho cinematográfico do*

*filme contradiz, pois, a ideologia do reconhecimento, sendo recusadas ao espectador todas as vias de identificação possível com o objeto filmico”.*

Como nos outros filmes de Arrieta em que surgem figuras de anjos, o anjo saído de **La Imitación del Ángel** e que aterra em **Le Jouet Criminel** é uma fulguração poética, uma aparição, uma figura perturbadora e neste ponto guarda semelhanças com uma “visão” ou “aparição” religiosa. De início, a mulher encontra no chão um bocado de uma das suas asas, como um misterioso indício da sua existência, antes dele surgir na sua banheira, como um pássaro inesperado e enigmático. O filme começa de modo semelhante a um *trance film* da vanguarda clássica americana, em que um personagem (neste caso Jean Marais) deambula por um espaço pouco ou nada habitado, onde tem pequenas aventuras, que nunca chegam ao fim, ficam sempre no seu limiar. É então que surge no filme a figura do anjo. O *brinquedo criminoso* mencionado no título pode ser a pistola que o anjo empunha fazendo menção de matar o casal que o encontrara, antes dele próprio ser liquidado por eles e voar para longe numa ascensão/ressurreição, tema que atravessa boa parte do cinema de Arrieta. Renato Tomasino (num artigo publicado em Setembro de 1970 em *Filmcritica*), que descobriu **Le Jouet Criminel** no Festival de Pesaro, define Arrieta como o autor de “*um cinema feito com bocados de cartão recortado, com uma simbologia lúdico-poética de uma simplicidade desarmante. Um cinema feito com lençóis brancos que ganham vida e movimento, de início agitados pelo vento e depois sozinhos, envolvendo os corpos sem controlo, vibrando talvez em direção àquelas metas «pensadas». O lençol torna-se o lugar de uma experiência onírica, o ambiente no qual o real se decanta. Mas também a câmara de filmar é um brinquedo criminoso, na sua maneira leve e escorregadia de dar vida à vida das coisas, o cinema*”. Meio século e muitos filmes depois, esta definição do cinema de Adolfo Arrieta continua válida.

Antonio Rodrigues